

GRIFO

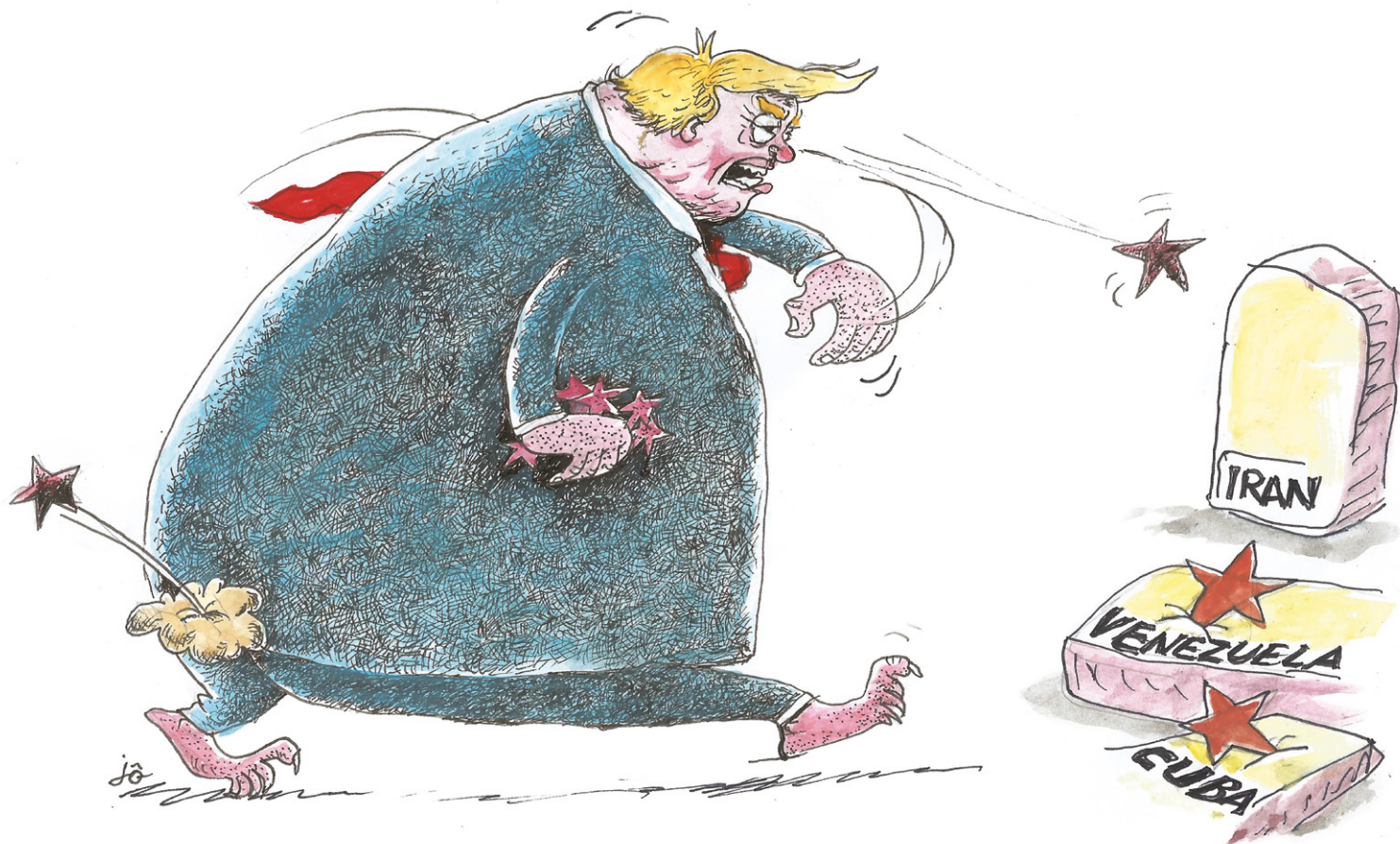
Nº 64
FEV
2026

O JORNAL QUE RI

Dia da Mulher
MARIELLE, MARIA DA PENHA...
PÁG. 07

Viver sob boicote
RELATO EXCLUSIVO DE UMA CUBANA
PÁG. 15

Perversões do ocidente
A DECADÊNCIA E A CLASSE EPSTEIN
PÁG. 09 E 11



O Império rumo ao CAOS

O império ataca

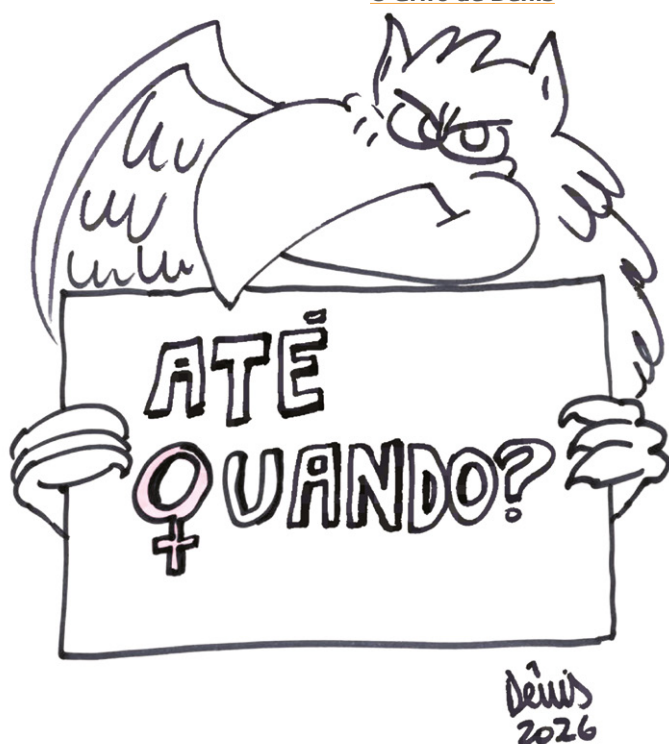
De novo, Trump anda dizendo que gosta do Lula. O Lula só dá uma risadinha, e eu não sei se é um bom tipo de amizade. Quem disse que gostava do Trump (amava), há alguns anos, foi o Bolsonaro, não o Lula. Mas o **Maga** tem coisas esquisitas mesmo. Comer pizza de vez em quando, por exemplo. Setoristas e assessores já sabem: quando aumenta o pedido de telepizza na Casa Branca no fim de semana, é porque alguma coisa (ruim) vai acontecer. Foi assim, na véspera do tarifaço, antes da invasão à Venezuela e nesse ataque ao Irã. Depois que começaram a ler e divulgar trechos dos arquivos de Epstein os lanches se tornaram mais seguidos. O que será que têm essas pizzas? Jeffrey Epstein tinha uma pizzeria?

Pelo jeito, lá, em vez de terminar, as coisas começam em pizza. Aqui, o ano está começando no Carnaval, o que é uma mudança em nossa cultura, pois começava depois. Mas o desfile da escola de samba de Niterói mudou tudo. A direita, que durante anos usou o Carnaval como distração, agora é contra e partiu para o ataque. Acusou de campanha eleitoral antecipada, alterou votação em CPMI, amenizou a lei antifacção, aplaudiu a invasão no Irã e voltou a destratar a lei Maria da Penha.

É ano eleitoral, sei. E parece que tá valendo fazer novamente tudo o que já foi feito, só que um pouquinho pior. Tem a clássica fake da fortuna do “filho do Lula”, sempre anônimo nas redes sociais, mas agora um grupo do Congresso resolveu nominar. Outra clássica era a loja da filha da Dilma, mas o “Veio da Havan” decidiu acabar com o argumento. Talvez no lugar dessa entre um novo lavajatismo, juntando Banco Master, ministro do STF e a já manjada banda larga e faceira da imprensa brasileira.

E o Trump? Vai continuar encomendando pizzas até o império cair. Sem parar! Eu, se fosse o Lula, marcava esse encontro agendado para março no meio da semana, num restaurante. **(Marco Schuster)**

O Grifo de Dênis



GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020.

Eletrônico, mensal e gratuito. Publicação de cartunistas da Grafar (Grafistas Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha
Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Cuba: Maribel Acosta Damas e Moro

Rio de Janeiro: Máximo, Miguel Paiva e Milton Saldanha

Rio Grande do Sul: Bier, Carlos Roberto Winckler, Dênis Pimenta, Edgar Vasques, Elias, Ernani Ssó, Fabiane Langona, Gilmar Eitelwein, Hals, Jô, José Weis, Kayser, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio, Óscar Fuchs, Paulo de Tarso Riccardi e Schröder

Santa Catarina: Celso Vicenzi

São Paulo: Bira Dantas, Carlos Castelo, @meuscastoons (Carlos Castelo com IA) e Mouzar Benedito

Arte da capa: Jô

Leia aqui todas as edições do GRIFO
<https://linktr.ee/Jornalgrifo>



Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 3

Acadêmicos de Niterói - Carnaval 2026



Entre o samba e o café

Alexandre Cruz

O carnaval, às vezes, revela o país com mais nitidez do que qualquer debate formal. Em ano eleitoral, uma escola de samba decide homenagear Lula. A avenida se ilumina, a bateria acelera, e o gesto artístico atravessa o campo cultural para tocar o terreno político.

Não é surpresa. Democracia não é ausência de conflito, é convivência entre diferenças. Quando uma homenagem cul-

tural provoca reação imediata, o que aparece não é apenas discordância ideológica. É disputa por significado, por interpretação do que a sociedade entende como legítimo, relevante ou digno de atenção.

A arte nunca foi neutra. Às vezes confronta o poder. Às vezes celebra. Às vezes o reinterpreta. Pense em Guernica, de Pablo Picasso. A obra não apenas retrata um fato histórico, ela reorganiza

a memória coletiva. A cultura cria sentido, transforma percepções, molda consciência e amplia horizontes de interpretação.

É aqui que a reflexão de Antonio Gramsci ajuda. Para ele, o poder duradouro não se impõe apenas por leis ou coerção, mas pela construção de hegemonia, isto é, pela capacidade de moldar o imaginário social. Quem influencia a cultura influencia a forma como a sociedade entende a si mesma.

Antes de vencer eleições, é preciso vencer narrativas e conquistar espaços de sentido.

No Brasil atual, essa batalha por significados ganhou intensidade. O que muitos chamam de “guerra cultural” é, em grande medida, essa disputa pela hegemonia. Não se trata apenas de governar, mas de definir o que é legítimo celebrar, criticar ou representar.

No meio disso, a vida concreta segue seu curso. Os dados mais recentes do Banco Central indicam que a atividade econômica cresceu 2,5% em 2025, com forte impulso da agropecuária, enquanto a inflação permanece dentro do intervalo da meta. A

taxa Selic segue em 15% ao ano, com sinalização de início de redução, ainda em terreno restritivo. Projeções do governo e do mercado apontam uma safra recorde de café neste ano, que deve reduzir preços ao consumidor, ajudar a conter a inflação e gerar efeito positivo sobre o desempenho geral do agro. São números técnicos, discretos, mas decisivos, que falam do impacto real na vida das pessoas e nas decisões de investimento, moldando escolhas e expectativas de mercado.

Eles não desfilam na avenida. Não vestem fantasia. Mas pesam no orçamento doméstico, condicionam decisões de consumo, investimento e política. É nesse

ponto que narrativa e economia se encontram. A hegemonia cultural organiza sentidos, mas é a experiência material que consolida ou corrige percepções, confirma ou desmente interpretações, e dá dimensão concreta às disputas simbólicas.

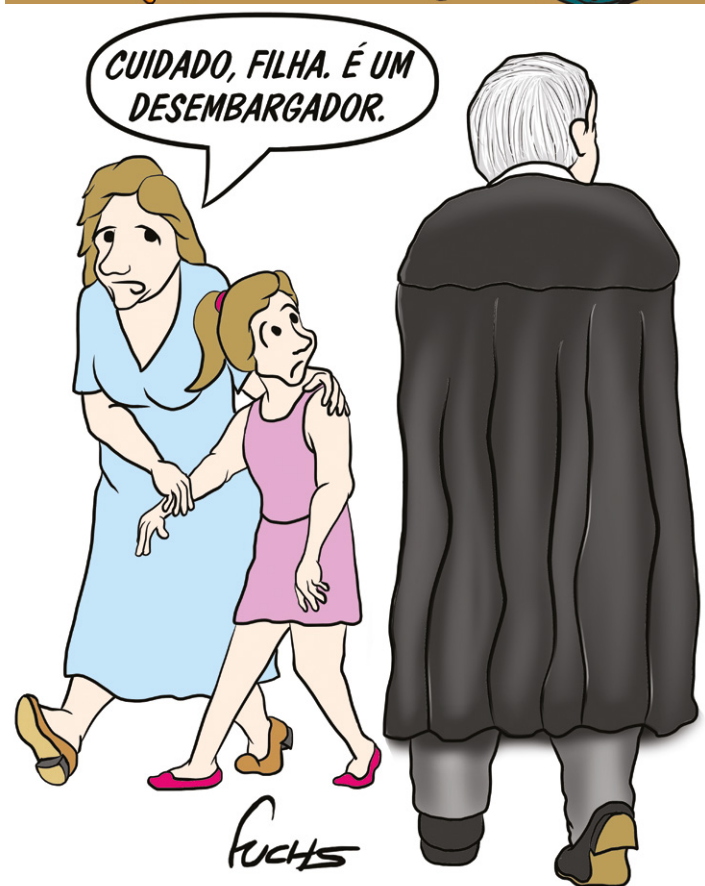
O ponto central é este: uma democracia segura de si não teme símbolos. Ela os debate, compreende e os transforma em aprendizado coletivo. Entre o samba e a Selic, entre narrativa e dado, o país constrói seu enredo real, que será decidido não apenas pelo barulho do momento, mas pela maturidade com que lida com cultura, economia e realidade concreta.

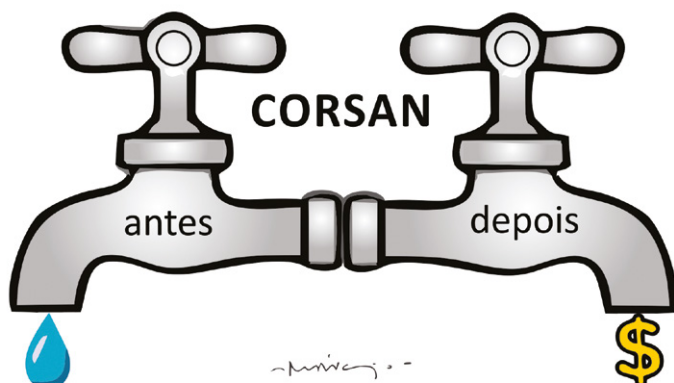


SCHRODER



Enquanto isso, na matinê carnavalesca da Papudinha





Marielle e todas as mulheres



Em 26 de fevereiro de 2026 os mandantes do assassinato de Marielle Franco (e seu motorista Anderson Gomes) foram condenados pelo STF a 76 anos de prisão, quase oito anos depois do crime ocorrido em 14 de março de 2018. Entre os cinco condenados, os dois mandantes, o ex-deputado federal Chiquinho Brazão, seu irmão Chiquinho. Marielle era vereadora do Psol carioca e denunciava milícias, perseguições e assassinatos de jovens negros. Foi crime “motivado por misoginia e racismo”, concluiu o relator Alexandre de Moraes.

Esse julgamento entra para a história política assim como a criação da Lei Maria da Penha (6 de agosto de 2006), mas a violência contra as mulheres continua alarmante. Foram 1.470 casos de feminicídio em 2025, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, e 3,7 milhões de brasileiras sofreram violência doméstica no ano passado. Setenta por cento das vítimas de feminicídio são negras.

Dentro da violência doméstica estão os estupros. Nesse início de março, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou que o número estimado de estupro (de vulneráveis incluído) por ano é de 822 mil, mas

somente 8,5% são registrados pela polícia e 4,2% pelo sistema público de saúde. Apesar da subnotificação, os números registrados oficialmente são altos: 83 mil estupros em 2025.

O Dia Internacional da Mulher é 8 de março, em lembrança das mobilizações de operárias entre o fim do século 19 e início do 20. Ainda hoje a injustiça permanece: no Brasil, os salários das mulheres são em média 21% inferiores aos dos homens, revela o mais recente levantamento do Ministério do Trabalho. E as mulheres negras recebem até 33% a menos que homens não negros. Além de misoginia e racismo, é luta de classes. (Marco Schuster)



Ruídos do mundo

Carlos Roberto Winckler

Após meses de pressões de setores do ***Make America Great Again***, insatisfeitos com a hesitação de Trump em abrir os Arquivos Epstein (uma promessa de campanha), da oposição democrata e da sociedade civil estadunidense, o Departamento de Justiça dos EUA liberou ao final de janeiro um pacote de 3,5 milhões de arquivos em vídeos, e-mails, fotos do chamado caso Epstein, um magnata que estabeleceu uma vasta rede transnacional de relacionamentos com políticos, empresários bilionários da tecnologia com conexões em Londres, Washington e Tel Aviv, além de possíveis vínculos proveitosos com serviços secretos como a CIA e Mossad.

Um ambiente propício a negócios, temperado em alguns níveis à distribuição de favores sexuais envolvendo crianças e adolescentes, oferecidas festivamente, através de rede de pedofilia, em devassa finura pelo próprio magnata e Ghislaine Maxwell, condenada em 2021 a 20 anos de prisão por aliciamento de menores para serem exploradas por Epstein, em ilha e apartamentos de sua propriedade.

Muitas das gravações e e-mails sugerem o fluxo. É notório o esforço do governo Trump em arquivar o caso, mesmo porque as desconfianças do teor de suas relações com Epstein vêm de longe. A irritação de Trump em entrevista coletiva ao ser indagado por uma jornalista sobre sua relação com Epstein (“Cala a boca, porquinha!”) é demonstrativa. E nem é novidade que a chantagem, mais ou menos sutil, possa ser utilizada no plano de negócios privados e em zonas cinzentas da geopolítica, além de reforçar a coesão grupal.

Os arquivos foram entregues de forma desorganizada, sem critérios de classificação de documentos com um único propósito: confundir para retardar. Um ato típico de chicana, digno de bons filmes de tribunal nos quais os estadunidenses são mestres. Levaram meses, no mínimo, até que se estabeleçam as relações lógicas entre os fatos. E se separe as possíveis falsificações admitidas pelo FBI. Tudo foi feito para descreditar os documentos liberados. Em muitas das mensagens comprometedoras colocaram-se tarjas negras, ocultando quem enviou. Um efeito da desorganização foi o recrudescimento de teorias da conspiração. De qualquer forma, o que se pinçou dos arquivos mostra a coesão daquilo que já vem se denominando no Sul Global: Classe Epstein com aspectos subjetivos à altura do atual estágio capitalista. Não é um acidente, e não basta simplesmente um ato de purificação moralista, outros preferem secundarizar os arquivos e considerar as formas duras da acumulação.

Algumas pistas para se compreender a subjetividade da Classe Epstein se encontram em Marquês de Sade (1740-1814), sintetizadas em A Filosofia de Alcova (1795), que conduz às últimas consequências as categorias do liberalismo no plano das relações eróticas/sexuais. Sade destaca os elementos desagregadores da lógica interna da matriz liberal. Na matriz clássica do liberalismo a liberdade existe como exercício de posse e a sociedade consiste de relações de troca entre indivíduos proprietários. A política e as instituições derivam de cálculos que visam a proteção da propriedade

e a efetiva realização de trocas.

O contrato social entre indivíduos estabelece os controles que garantem, por sua vez, a sociabilidade. Na lógica “sadiana” as consequências da instrumentalidade nas relações sociais objetiva ao infinito “direitos possessivos” na ordem civil. Resultado: o império da violência e a destruição das formas de sociabilidade: calúnia, roubo, assassinato, a prostituição e as relações incestuosas são justificáveis.

A liberdade e a felicidade estão subsumidas ao individualismo possessivo, ser livre consiste em oprimir individualmente e a igualdade na reciprocidade da opressão garantida por lei. Igualdade masculina, por suposto. Ora, o capitalismo e o neoliberalismo dos últimos 40 anos o que fez senão radicalizar o individualismo possessivo, criando multidões de corpos submissos e uma elite perversa, alicerçada na expropriação das funções de viver – expropriação do próprio corpo e de outrem? Sim, do próprio corpo, pois a lógica desse moinho satânico (William Blake) desregulamentado é absolutamente destrutivo, inclusive aniquila o suporte natural da vida humana. Os Epstein da vida podem morrer nas prisões, a lógica permanece. Talvez, a sociedade estadunidense, a mais destrutiva absolutamente, resolva sacrificar o Grande Bode Amarelo.

É pouco, enquanto emergem os Perversos Apáticos, ideal “sadiano” de humanidade, aqueles que refreiam as paixões, portanto calculam, e acumulam forças para a destruição final. Fascistas, diríamos. No Sul Global, talvez outros ventos impeçam a sedução da barbárie e da ruína.

Novinhas do Epstein



ICE PRENDEU MENINO DE 5 ANOS EM MINNEAPOLIS



PRECISO
TREINAR PARA
A GROELÂNDIA



O Ocidente e suas perversões

Luiz Augusto Faria

Europa e EUA vivem assombrados por uma ameaça: a Rússia e a China querem dominar o Ocidente. Ora, isso é um disparatado delírio, sem mínima evidência, pois são eles que cercam, ameaçam e agredem essas duas e muitas outras nações. Na verdade, foi a civilização ocidental quem ascendeu através da dominação de outros povos e culturas. Se o fenômeno também ocorreu em outros lugares e tempos com os mongóis, o Islam ou o Império Inca em nossa América, uma diferença marcou a expansão europeia: a obsessão de, ao subjugar, mudar os outros. Aonde chegaram, modos de vida, culturas e civilizações foram transformadas para dar lugar às relações sociais por eles promovidas.

Essa tendência resulta de uma crença que vem de suas origens: se veem como superiores, eleitos por seu deus que é único e verdadeiro. Sua história nasceu da combinação da cultura grega antiga com o cristianismo monoteísta. Dois traços, ou melhor dizendo, perversões, são sua essência: a misoginia e o racismo. Em Homero e na Bíblia vamos encontrar sempre a mulher como agente do mal, a que seduz e traz a desgraça para o homem nas personalidades de Circes, Sereias e Evas. Assim também inventaram a inferiorização dos outros povos: bárbaros, infiéis e degenerados incapazes de estarem à altura de suas verdades.

Desde o final do século XV, um movimento sem precedente

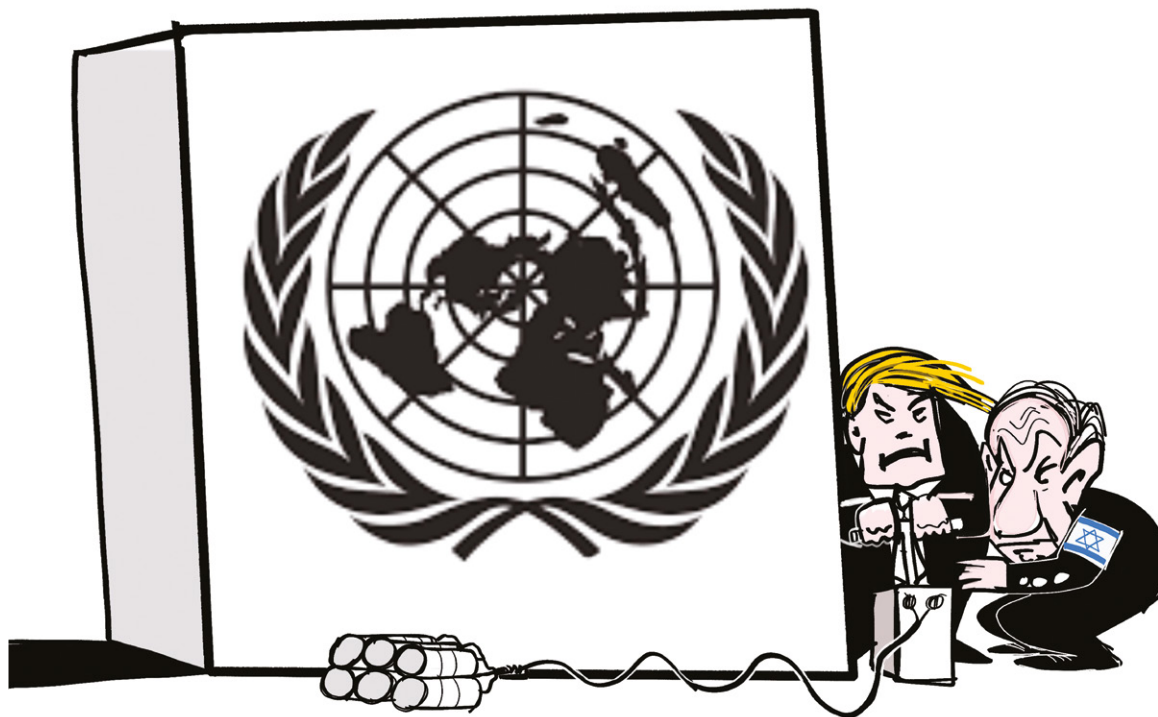
levou os europeus a conquistar e manter sua dominação sobre o mundo inteiro, seus povos e culturas. O grande motor desse processo expansionista foi sua terceira invenção perversa: o capitalismo. Por obra desse novo sistema econômico pequenos reinos se transformaram em máquinas de projeção de poder para além de fronteiras e mares. A aliança entre donos do dinheiro e donos do Estado moveu exércitos e marinhas na conquista de outros continentes, começando por nossa América, depois África e finalmente a Ásia.

Em cada momento dessa aventura, como nos contaram Polanyi, Braudel e Arrighi, um Estado liderava o bloco dos conquistadores. Portugal e Espanha no início, depois Holanda e Inglaterra, até chegar ao seu herdeiro mais fiel, os EUA. O sistema se organizou para que, após a submissão militar, as demais civilizações e culturas humanas passassem a produzir riquezas a serem transferidas da periferia colonizada ao centro hegemônico. Nesse percurso, conhecimentos e hábitos foram destruídos para dar lugar à produção de mercadorias e às relações sociais capitalistas. A inferiorização das mulheres e dos não brancos foi decisiva para sua dominação, garantindo o trabalho necessário à subsistência e cuidados do contingente predominantemente masculino ocupado na produção de valor.

O fim do colonialismo no século XX em nada mudou a estrutura

concentradora de poder e dinheiro; permaneceu o imperialismo. Cerca de 190 países independentes do mundo estão presos nas malhas da transferência de valor para os 15 ou 20 no centro. Esse sistema só foi abalado por suas próprias contradições, principalmente a necessidade de convocar os “inferiores” de gênero e raça para as atividades produtoras de mais valor. As lutas feministas e antirracistas surgiram como seu resultado necessário. Da mesma forma, o deslocamento de processos produtivos sofisticados e tecnicamente avançados para novos espaços que as potências ocidentais não conseguem controlar permitiu o que os economistas chamam de catching up: a independência política proporcionando um desenvolvimento econômico e social autônomo.

A ascensão da China, da Rússia e também da Índia, as duas primeiras já totalmente independentes do poder americano, assim como a constituição de novos arranjos como o Brics, iniciaram um caminho sem retorno. O eclipse da civilização ocidental está dando lugar à formação de um novo mundo que vem se organizando em uma ordem multipolar, sem hegemonia. O Brasil terá de escolher entre ficar costear o alambrado preso aos preconceitos de sua classe dominante que se imagina ocidental e afundar junto ou montar no cavalo que está passando encilhado: a construção autônoma de um futuro e uma identidade própria.



Pérola ameaçada

Entre 1º de janeiro de 1959, quando o ditador Fulgêncio Batista fugiu e a revolução venceu, e janeiro de 2026, quando Trump cogitou colocar Marco Rubio como novo presidente da ilha, Cuba vive sob permanente tensão provocada pelos Estados Unidos. São 67 anos de bloqueio econômico (ver [GRIFO 11](#)) e ameaças de invasão.

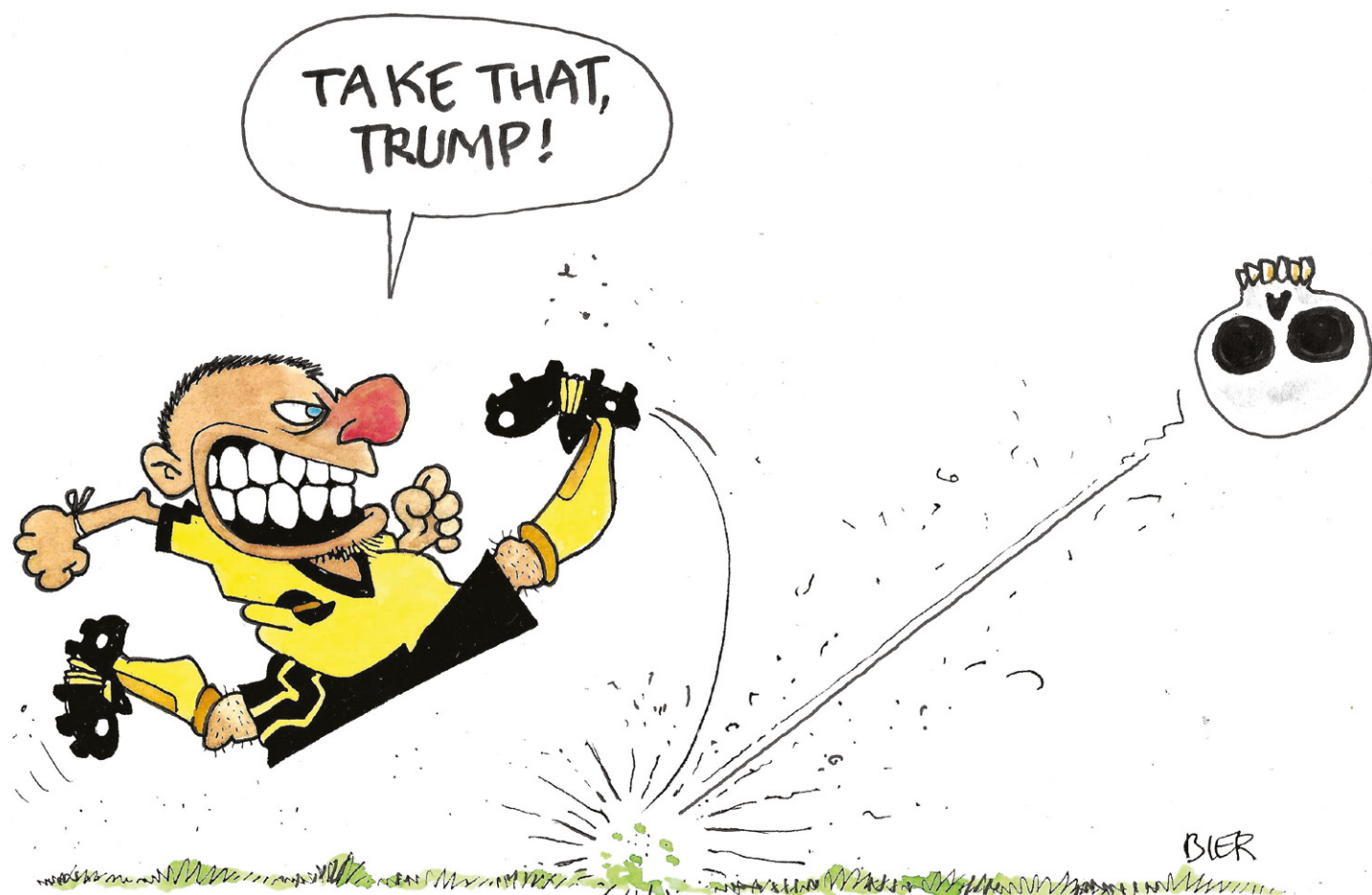
Cuba, com sua coCuba, com sua coragem e resistência, desperta ódio na direita e solidariedade na esquerda. “La sueño una perla encendida sobre la mar”, disse Caetano Veloso na música Quero ir a Cuba. Neste ano, frei Betto propõe, na sua “minha campanha de Quaresma” de 2026, o envio de doações via Instituto Cultivar.

A jornalista cubana Maribel Acosta Damas conta para nós como é morar num lugar assim. Milton Saldanha esteve lá e relata essa realidade. Afinal, não se pode falar em Cuba sem referência ao permanente boicote econômico estadunidense. **(Marco Schuster)**

*“La sueño una perla encendida
Sobre la mar”*



FUCHS



VOCÊ BLOQUEOU O PETRÓLEO QUE VAI
PRA CUBA, MAS NÓS RESISTIREMOS COM
UMA COISA QUE VOCÊ NÃO TEM.
A SOLIDARIEDADE E A
SIMPATIA DO
MUNDO



Por quê?

Maribel Acosta Damas (*)

Meu colega Eddi de la Pera contou sobre um episódio durante sua reportagem em um hospital materno-infantil da província de Holguín, no leste do país: “Estávamos gravando. Acabou a energia elétrica. Naquele momento de incerteza, testemunhamos o imenso profissionalismo dos médicos e enfermeiras. Apesar de seus rostos contraídos pela preocupação, seus esforços tiveram como foco cuidar dos recém-nascidos. Na penumbra, só se escutava o caminhar rápido e os sussurros dos profissionais se movimentando junto das incubadoras. Nas sombras, se via os jovens médicos com uma entrega repleta de amor”.

Essa realidade tem por trás histórias cotidianas de partir o coração: mais de 32 mil grávidas enfrentam riscos adicionais, ameaças e limitações como consequência do bloqueio energético do governo dos Estados Unidos contra Cuba. Ao mesmo tempo, são afetados outros serviços para recém-nascidos, menores de idade, diabéticos, tratamentos para câncer, pessoas que precisam de cirurgias ou atendimento emergencial.

Na tarde de 29 de janeiro, à brutalidade do bloqueio de quase sete décadas se somou uma ordem executiva publicada em Washington: foram 2.207 palavras nas quais Donald Trump decretou “combustível zero” para a Ilha. Argumento? Cuba tem uma política hostil para com os Estados Unidos e representa uma “ameaça nacional”. Para responder a esta “ameaça”, os Estados Unidos de-

vem tomar medidas radicais e aumentarão as tarifas sobre produtos de países que ousarem violar a ordem de não fornecer petróleo a Cuba. Exibindo seu punho de ferro, Trump exclamou: “Parece que não poderá sobreviver. Cuba não poderá sobreviver.”

Mais do dia a dia

Em meu bairro, o silêncio das manhãs contrasta com a habitual agitação de tempos passados: a escola de ensino médio está funcionando, mas com horário reduzido. Pelas ruas apenas transitam o que chamamos de “riquimbilis”, transporte de passageiros em carrinhos elétricos, que usamos para tudo.

O lixo se acumula na esquina porque não há combustível para recolhê-los.

As intermináveis caminhadas até o médico ou para encontrar alimentos básicos são um fardo, e os longos cortes de energia a qualquer hora do dia ou da noite tornam a vida uma grande incerteza.

A doutora Yudmila Rodríguez Verdecia, diretora da unidade cirúrgica e de serviços de anestesia do Hospital Materno Ramón González Coro, conta que sua equipe está pronta para atender urgências, mas com a possibilidade de que, a qualquer momento, falte energia. “Aqui se recebe pacientes em que corre perigo não só a vida do recém-nascido, mas também a da mãe. Pelo tempo que têm de utilização, as baterias destes equipamentos já não funcionam.”

Outra história recente relata

uma cirurgia de urgência realizada durante um apagão, só com as luzes de telefones celulares.

Os estudantes da faculdade de Artes (que formou milhares de músicos e artistas cubanos por seis décadas) estão praticamente paralisados.

As universidades passaram para o ensino à distância, com a desvantagem das conexões instáveis devido aos cortes de energia.

Recentemente, a empresa mineradora canadense Sheritt anunciou que interromperá suas operações em Cuba devido ao bloqueio de combustível imposto pelos Estados Unidos. Esta empresa, que opera a mina de níquel e cobalto de Moa, é um dos maiores projetos industriais de Cuba e uma importante fonte de recursos para a Ilha.

No meu bairro, os vizinhos se organizaram para o trabalho voluntário. Varremos a rua, limpamos e juntamos o lixo na esquina para quando for possível recolhê-lo. As pessoas passam, se cumprimentam, sorriem, apesar de tudo, e se ajudam.

De minha janela vejo o flamboyant coberto de brotos. Ele espera as primeiras chuvas da primavera caribenha para florescer.

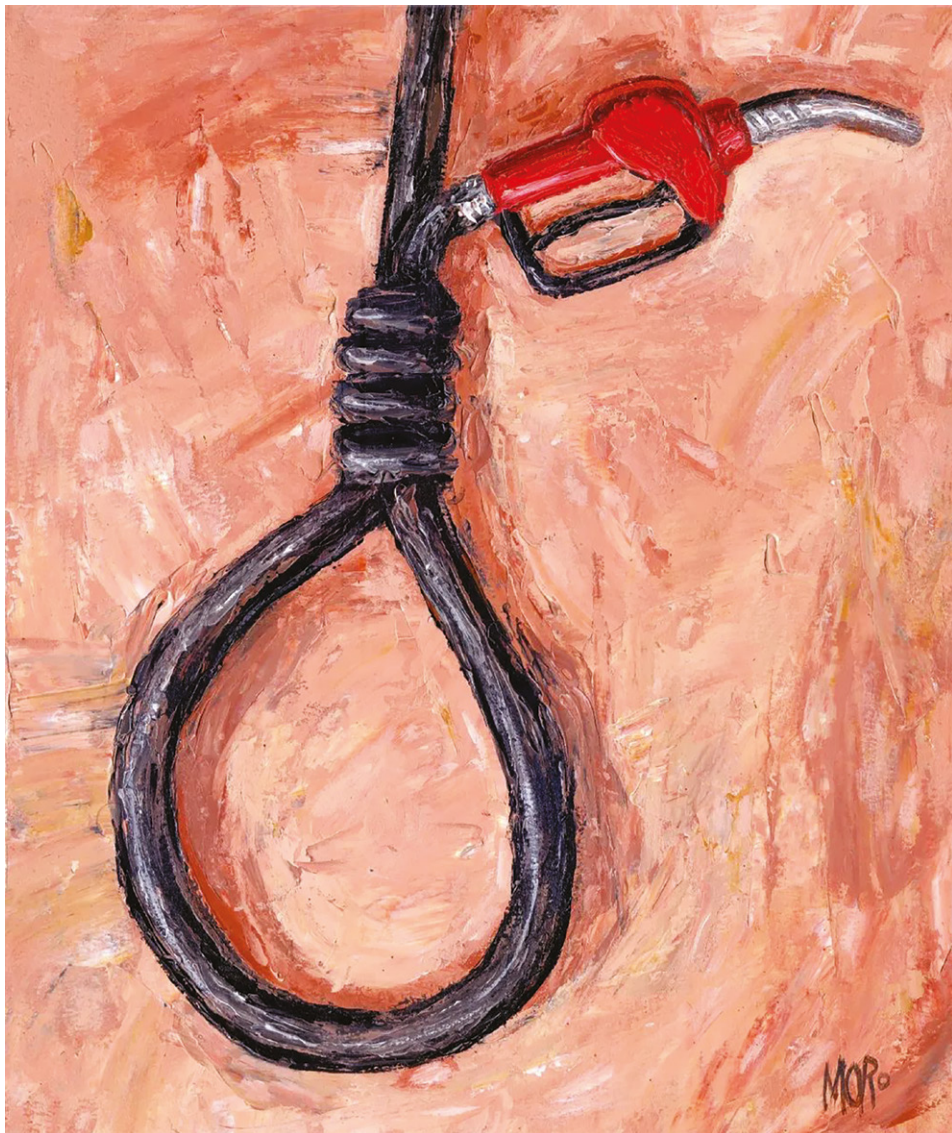
Frequentemente se ouve a frase cubana que resume tudo:

- Não é fácil!

E se acrescenta a pergunta:

- Por quê?

(*) Jornalista. Vive em Havana, Cuba. Tradução: PT Riccordi.



Crime contra Cuba: Trump piora um boicote de 67 anos

Milton Saldanha

Ninguém, com alguma capacidade de raciocínio, acreditaria que uma pequena ilha do Caribe pudesse representar qualquer tipo de ameaça a uma potência como os Estados Unidos.

Foram vários os motivos que levaram ao ódio que políticos norte-americanos devotam a Cuba desde a vitória da Revolução, em 1959. Mas dois se destacam: a ousadia dos cubanos em encampar empresas de capital americano e o exemplo que isso poderia representar para o resto do continente.

Com a fracassada invasão da Baía dos Porcos, em 1961 – uma força de 1.500 cubanos exilados em Miami, treinados por militares americanos, com apoio naval e aéreo –, o Pentágono percebeu que uma invasão de maiores proporções seria um banho de sangue brutal, pela disposição de resistência dos cubanos. Isso teria gerado protestos no mundo inteiro, acompanhados de retaliações prejudiciais ao comércio, entre outros desgastes.

Tiveram então que engolir Cuba. Mas não sem alguma resposta fora do âmbito militar. Aprovaram no Senado um bloqueio econômico à Ilha. Para desestabilizar o governo revolucionário. Havendo crise, haveria descontentamento interno. Mesma fórmula usada contra Allen- de, no Chile, em 1973.

Em 1996 Bill Clinton sancionou a Lei Helms-Burton, que ar- rochou o bloqueio.

Antes pontuando que o atual corte de petróleo a Cuba, por Trump, é apenas uma versão nova de um mesmo crime geopo-

lítico que se perpetua há 67 anos, desde 1959. Contando com uma tolerância internacional que já virou cumplicidade.

E Cuba resiste.

Perdas e danos

Não faltaram protestos na ONU. Para surdos. Quando algum país capitalista sofre algum dano, de qualquer natureza, a comunidade internacional se junta para pressionar por reparação. Cuba jamais mereceu o mesmo tratamento.

O bloqueio, inicialmente, era só bilateral. Ou seja, um contencioso entre Cuba e Estados Unidos, com sanções comerciais da parte mais forte. Dispensável citar qual.

A Lei Helms-Burton ampliou a questão: qualquer país negociando com Cuba ficou sujeito a penalidades. Por exemplo: um navio que aporte em Cuba, ou de lá procedente, não pode fazer escalas. O país que permitir terá proibição de ancorar em qualquer porto dos Estados Unidos por seis meses. O prejuízo ao comércio é enorme. E não importa o tipo de carga. Até vacinas para crianças não puderam chegar.

Em vez de chorar, Cuba investiu no seu Centro Nacional de Investigações Científicas (Cenic), fundado em 1965. Hoje é produtora de vacinas que são exportadas para vários países, com excelência técnica, uma referência no setor.

Trump tenta sufocar Cuba com o corte do petróleo e isso afeta o turismo na Ilha, que foi uma alternativa quando o açúcar perdeu preço numa super oferta mundial do produto. Tiveram que fechar usinas para conter o déficit. Com a queda do Leste europeu, perdeu parceiros comerciais e criou-se o

Período Especial, uma fase de severas restrições no País.

Ao contrário do que esperava o imperialismo, o governo revolucionário continuou tendo grande apoio popular. Provam isso as manifestações de rua com 1 milhão ou mais de pessoas. Numa população de 11 milhões.

O que Cuba já perdeu com o bloqueio, e que agora piora com a sabotagem de Trump, daria para ter resolvido o déficit habitacional; subsidiado o gás de cozinha ao povo; duplicado a cota de frango na libreta (cesta básica gratuita). E ainda sobraria dinheiro para investir na geração de energia elétrica, acabando com os apagões. Se não tudo, quase tudo seria resolvido. Dificuldades seriam minimizadas. Quando se fala do bloqueio a oposição interna, que existe, como em qualquer país, em vez de condenar afirma que isso é desculpa para a incapacidade administrativa.

Os números derrubam esse argumento: em mais de seis décadas Cuba perdeu U\$ 164 bilhões. Há quem estime em U\$ 1,5 trilhão. No biênio 2023-2024 foram pelo ralo U\$ 5,05 bilhões.

Num país como o Brasil isso não seria tão impactante. Numa ilha com a população da cidade de São Paulo, integrada por pequenas cidades, é outra realidade. Isso lá é muito dinheiro, e faz falta ao projeto de bem-estar social que a Revolução busca até hoje.

Milton Saldanha (jornalista, visitou Cuba em 2004, quando colheu as informações desta matéria, entrevistando executivos da Havanatur, empresa estatal de turismo. Os números foram atualizados).

ILHA DO TESOURO

POR TARSO



MR. MUSK WANTS MINERAIS RAROS

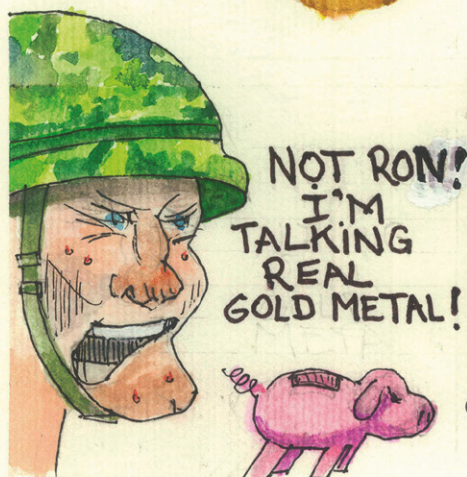


A COCA COLA QUER AS ÁGUAS PURAS SUBTERRÂNEAS



¡¿COCA?! NO. SOLO RON.

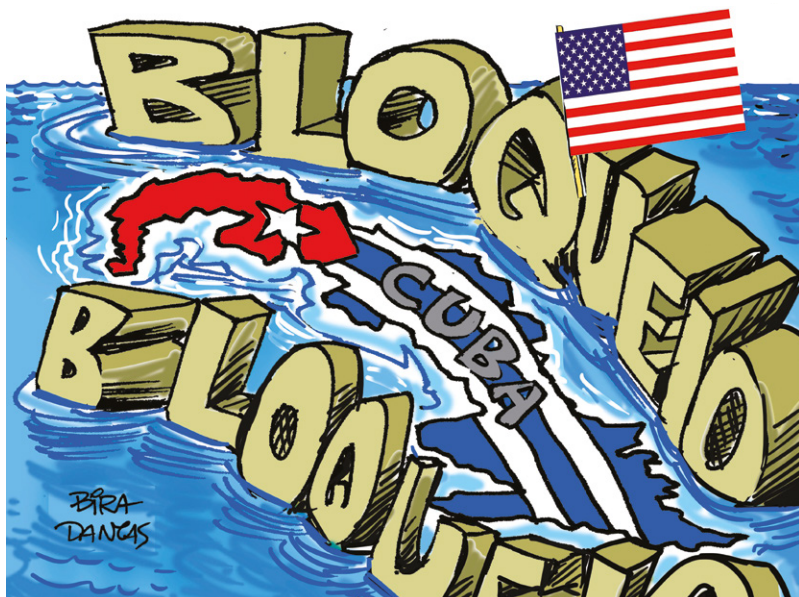
RON PRATA A US\$35 Y RON DRO US\$40



NÃO ME INTERESSO POR EDUCAÇÃO. SAÚDE, EU COMPRO. E IGUALDADE É COISA DE COMUNISTA.

VOCÊS SÓ TÊM BULLSHIT?





Nova Roleta Argentina: jornada de 12 horas



Jornalismo a posteriori

Pode parecer exagero ou frase pronta a afirmação de que na guerra a primeira vítima é a verdade, mas o conflito atual no Irã e no Líbano comprovam este aforismo. Poucos meses depois da guerra de doze dias de Israel e EUA contra o Irã, os jornalistas, esquecidos ou envergonhados, trazem informações sobre danos dos mísseis em Israel que inexistiam durante o conflito. Uma espécie de jornalismo a posteriori apenas confirma a fragilidade das informações permeadas e pressionadas por interesses. Seja no vocabulário adotado onde o Irã é invariavelmente apresentado como uma teocracia e ditadura, como se Israel não fosse teocrático e não estivesse sequestrado por um fascismo racista, seja nas análises que sempre partem da hipótese que a democracia é um valor exclusivamente ocidental. O nexo entre as agências de inteligência das grandes potência e as agências internacionais de notícias já foi exposto e comprovado em vários artigos e publicações científicas ao longo dos anos, mas parece ser ignorado pelo novo-Velho jornalismo.

Pixs

Israel e EUA atacam o Irã, mas a mídia cobre as sirenes em Tel Aviv. É desanimador o comportamento da mídia internacional e brasileira.

A precisão nos assassinatos de lideranças iranianas comprova a intencionalidade no genocídio infantil e feminino em Gaza.

Da pedofilia, com possibilidades de canibalismo, revelados nos relatórios Epstein – o provável agente sionista – até a morte calculada e planejada pelos eficientes exércitos israelenses e estadunidense de centenas de meninas existe uma incômoda coincidência, cristalizada por Trump e Netanyahu, que precisa ser imediatamente desmentida pelos judeus humanistas e pelos cidadãos estadunidenses honestos e democratas. A cena do enterro coletivo é devastadora.

André Mendonça retoma o lavajatismo e transforma Câmara Federal em ringue fascista. Toffoli foi enterrado pelo moralismo da esquerda que, mais uma vez, abre as portas do inferno.

Malu Gaspar reeditou, desta vez com André Mendonça, uma Lava Jato para tentar transformar o caso Master numa CPI do fim do mundo que, ao investigar tudo e todos, não investiga ninguém. Malu está blindada pela Globo e pela direita que quer virar a mesa.

A condenação dos irmãos Brazão e seus cúmplices pelos assassinatos de Marielle e Anderson é uma daquelas soluções em que os dedos são entregues ao invés dos anéis. O indiciamento dos agora condenados se deu através delação de um miliciano assassino e vizinho de Jair Bolsonaro e cumpre um papel de acomodação que agrada da direita à esquerda. O tamanho da pena é apenas o creme amaciante para os dedos.

O que está acontecendo em Minas Gerais não é uma tragédia. É a aplicação concreta das políticas de Zema, a expressão caipira do elite econômica nacional que retirou 90% dos recursos de combate às enchentes.

Aconteceu um *ménage a trois* entre o antigo jogo do bicho, a mídia e o sistema financeiro e daí nasceram as Bets, a nova e mais forte bancada do Congresso Nacional.

Somos tolerantes com os intolerantes. Chamamos a isto republicanismo quando na verdade é apenas indecisão e muitas vezes covardia. Todos sabemos quem são os inimigos verdadeiros. Aqueles que nos destruirão literalmente quando tiverem o poder. Estão dizendo abertamente, de novo, que nos suprimirão e nos farão desaparecer assim que tiverem o soldado e o cabo finalmente ao seu dispor. Eles vencerão desta vez por que continuamos a permitir que suas mentiras e fantasias autoritárias circulem como opiniões toleráveis. Eles vencerão porque a maioria da população assumirá o crime como ferramenta e a discriminação como princípio. Não podemos ser tolerantes com a intolerância, ela sempre é mortal, principalmente se vier na cor laranja.

quer que escreva?



BLAU Bier



ZÉLIA E DIRCE 60+ Fuchs



VAREJEIRAS EM CRISE Celso Schröder



Lu Vieira



NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



Fabiane Langona



Paulo de Tarso Riccardi



RANGO Edgar Vasques





BAR do NEREU

Final do carnaval, calor de 40 graus, a cerveja do Nereu era procurada com sofreguidão pelos sobreviventes que não tinham morrido no sol. O ambiente lembrava os anos 60, quando o desodorante ainda não era muito difundido. Um tipo magrelo, que cruzava a cevada com a cachaça, resmungou que tava com saudades da última enchente. Quem era do interior tomou a palavra defendendo que a maior havia sido em sua cidade. Aliás, o assunto era mais do que pertinente, uma vez que a clientela já andava com os pés molhados. Eu mencionei a do Rio Ijuí Grande, em 1992. Subiu 13 metros em pouquíssimo tempo e inundou áreas nunca antes atingidas. Foi um estrago gigantesco. Moradias de madeira eram moídas no ronco da correnteza contra os arcos da ponte de Entre-Ijuís, uma construção de mais de 200 metros erguida em 1952. Ao lado da ponte, na várzea em que antigamente havia um campinho de futebol, uma casa exibia apenas o telhado fora da água. Ali morava, sozinha, a mãe do técnico encarregado pela medição do nível do rio. Chamava-se Benó, morava no seco, hospedava a mãe e era dado a brincadeiras e molecagens. Certa madrugada, no pico da cheia, foi de canoa até a casa da velha e introduziu um chumaço de estopa dentro da chaminé. A seguir encharcou o tecido com óleo e atizou fogo. Ao nascer do sol, foi até a ponte e se divertiu muito. Um granjeiro gorducho e pilchado estacionou a caminhonete na beira da ponte. De lá, então, viu a chaminé fumegante na casinha inundada. Olhava pra lá e olhava pros outros, o que fez repetidas vezes, admiradíssimo. Até que finalmente gritou:

- Mas êta fogãozinho valente!



AH, É...

Não cumpro
Os mandamentos
É coisa e tal
Só o que
Me atrapalha
É o Código Penal

OLHA ESSA

Só depois
De ir ao oculista
Sofri um amor
À primeira vista

PALAVRAS DA SALVAÇÃO

Não se sinta desvalorizado. Veja o plano de saúde: quanto mais velho, mais você vale.

Pequenas empresas & grandes negócios: Motel Evangélico Deus é Amor.

- Quanto você gastou na praia hoje?
- Uma córnea, um rim, 12 pregas e uma bola.
- Se continuar assim, lá se vai mais um doador de órgãos...

Com Leite e Melonaro no poder, quem precisa das Pragas do Egito?

Despertar espiritual é ser extorquido pelo pastor pentecostal e fazer um BO.

**Hitler inventou o nazismo.
Mussolini, o fascismo.
Marx, o comunismo.
Chávez, o chavismo.
Franco, o franquismo.
Bolsonaro, o mimimismo.**

Aquele pastor pentecostal tinha um português tão ruim, que nem o diabo entendia os exorcismos.

O problema do dicionário de bolso é que, quando você puxa, o tico pode sair junto.

Nem sempre gostar da postura de alguém tem a ver com a forma como ela bota ovo.

Montar uma biblioteca na Papuda seria como criar um campo de extermínio de bolsonaristas.

Depois de uivar pra lua, o Lobisomem atravessa o riacho na volta pra casa. Brabo é agüentar aquele cheiro de cachorro molhado.

A professora perguntou se eu era auto-suficiente. Mostrei os pelos da palma da mão.

Aquela influencer já fez tanta plástica, que hoje tá mijando pela orelha.

Finalmente os enlatados da TV foram abertos nos desfiles da Sapucaí...

Agregados e delinquentes da Faria Lima levarão Bolsonaro para a avenida

A Escola Unidos dos Agregados e Delinquentes da Faria Lima, que reúne gente do mercado financeiro e foliões do PCC, decidiu homenagear Bolsonaro no ano que vem. Juntaram dinheiro lavado pelas fintechs, chamaram empresários e milicianos e anunciaram que vão botar pra quebrar.

O presidente da escola, Wadenilson de Moura Meirelles e Bragança, convocou parentes do presidiário para uma reunião e anunciou o seguinte:

– Nós vai devolver na cara deles, com mais luxo, o que a Acadêmicos de Niterói fez esse ano pro Lula.

Bragança, que usa nome e sobrenome inventados, juntando morro e Faria Lima, é do PCC e fala a linguagem dos manos. Estavam na reunião Flávio, Carluxo, Michelle e Eduardo, esse participando no modo remoto.

Bragança informou logo no começo que a comissão de frente teria Valdemar Costa Neto, Ciro Nogueira, Gilberto Kassab, Malafaia, Sóstenes Cavalcante e Augusto Heleno, se conseguissem liberação de Alexandre de Moraes.

Flávio pediu para que tirassem Heleno e colocassem Fabrício Queiroz. E aí começou o primeiro desentendimento.

– O Queiroz não sabe sambar – disse Roberto Campos Neto, tesoureiro da escola.

Debateram durante meia hora se tira o Heleno e bota o Queiroz, até que alguém sugeriu que colocassem o Caiado no lugar do Heleno e o Zema no lugar do Kassab.

Votaram e concordaram, mas logo veio outro desentendimento. Bragança disse que o tema

enredo era essa: ‘As joias das arábias e o mundo mágico de um tenente, da glória magnífica ao reino dourado da Papudinha’.

Os filhos não queriam a referência às joias. Tiram as joias ou deixam as joias. Tiraram e ficou assim: ‘O mito, os vampiros da cloroquina e o encantamento, do esplendor do Planalto à cadeia’.

Debateram durante três horas sobre as alas. Numa delas, a dos indecisos, a principal figura seria Tarcísio de Freitas com um boné do Trump, que ele tira e bota enquanto desfila.

Falaram muito sobre a ala dos golpistas, que terá manezinhos e maneções, com a representação da invasão de Brasília. Na ala da fé, com cruzeiros, um folião irá representar Bragança Neto.

Em outra ala, a dos kids pretos, todos desfilarão de mãos dadas e carregando pensamentos digitalizados (que Bragança disse ser um dos desafios para o carnavalesco). Em algum momento do desfile, uns kids caem sobre os outros.

A ala da minuta terá, claro, alegorias de minutas. E um dos carros representará o julgamento

no Supremo, mas com Bolsonaro sendo absolvido e saindo do plenário do STF voando como uma pomba dependurado num drone, numa representação de liberdade e leveza.

A reunião estava indo bem quando alguém sugeriu que também usassem latas com famílias, como a escola de Niterói fez, mas com latas de sardinha, com todo mundo apertado dentro, representando a própria família Bolsonaro e outras famílias cristãs brasileiras.

Carluxo disse que não entraria na lata, e Eduardo, que parecia meio fora do ar, defendeu que Trump fosse representado na escola carregando tarifas coloridas.

Depois surgiram outras dúvidas sobre o carro com Jesus no pé de goiabeira, e a reunião foi encerrada quando alguém sugeriu uma torçãozeira dourada em cima de um carro e Flávio bateu na mesa e foi embora.

Michele entrou e saiu da reunião sem dizer nada. Quando Bragança estava apresentando as despedidas, chegou o véio da Havana. Foi quando se ouviu ao fundo alguém dizendo: agora deu.



Anotações para um manual de etiqueta fúnebre

Fulano morreu ou faleceu? Não sei se é apenas impressão minha, mas a palavra falecer soa mais solene, talvez mais amena ou respeitosa. Ou mais fresca? Aposto na frescura. Se não temos medo de morrer por que ter medo da palavra?

Mas falecer é melhor que ir a óbito, não? Ou você não acha ridículo esse jargão médico ou jornalístico?

Me imagino, com cara de circunstância e voz compungida, perguntando a uma viúva como foi que tudo aconteceu. Então ela, cheia de tato, diz:

– O Agenor foi a óbito quando foi aos pés.

Depois de uns segundos de espanto, cairíamos nos braços um do outro, às gargalhadas.

O certo é que em português há uma série de expressões populares pra dizer que o sujeito empacotou. Sim, como empacotar ou capotar. Todas nada solenes, às vezes muito engraçadas: bateu com as dez, deu com o rabo na cerca, partiu desta pra uma melhor, está comendo grama pela raiz, saiu com os pés pra frente, foi pro beleléu, apagou, vestiu o pijama de madeira, abotoou o paletó, desinfetou o beco, esticou as canelas ou os cambitos ou o pernil, foi pra cidade dos pés juntos, foi pro andar de cima, foi encontrado com a boca cheia de formigas e – minhas preferidas, depois de empacotar – entregou a rapadura e apitou na curva.

Há medo atrás do riso? Pode



ser. Mas, nessas alturas, quando nem a estupidez scandaliza, já devíamos ter aprendido a encarar a morte com naturalidade.

Eu disse naturalidade. Não disse pra você perguntar pra viúva:

– E aí, Márcia, a troco de que o seu Agenor empacotou?

UMA GRINGA DA GEMA

Kandiss Taylor, política trumpista da Georgia, ao atacar imigrantes: “Se Jesus Cristo quisesse que os EUA falasse espanhol, não teria escrito a Bíblia em inglês”.

Sim, a gente ri da ignorância e arrogância grotescas dessa fulana, mas quantos sabichões, entre nós, têm na parede um Jesus Cristo branco, loiro e de olhos azuis, produto dileto do ego europeu? Falar inglês era apenas o próximo passo. A Europa, em

sua costumeira posição rabo-entre-as- pernas, deve aplaudir Kandiss. Talvez ano que vem ela ganhe um Nobel.

Mas Kandiss não é original. Atribui-se a Miriam “Ma” Ferguson, governadora do Texas nos anos 1920, a tirada: “Se o inglês era bom o suficiente para Jesus Cristo, é bom o suficiente para as crianças do Texas”.

Não lembro, nem consegui localizar nos meus arquivos, mas juro que anotei uma coisa dita pelo Gore Vidal sobre um presidente dos EUA, do começo do século 20, que achava que o mundo todo falava inglês. Falava não por ter aprendido no Yázigi. Falava porque o inglês era o único idioma.

O idiota nunca tinha ouvido falar da Torre de Babel.

Claro que se Jesus é realmente o filho de Deus, poderia saber inglês mesmo antes de que a língua houvesse sido criada. Mais: mesmo analfabeto, poderia ter escrito a Bíblia e, por modéstia, atribuído a santos parceiros. Mais ainda: saberia de cor e salteado o futuro, podendo listar todos os canchais que iriam faturar usando seu nome. A falta de reação de Jesus é que é o mistério, não a Trindade ou a composição da salsicha.

Eu fico matutando: além de mandar bala a torto e a direito, o que os gringos farão pra manter seus egos inflados em meio à queda do império? E pra quem, me diga? Pra amarelos que não falam inglês. Ou, quando falam, falam com um sotaque horrível.

Primo Levi, as SS de Hitler e a ICE de Trump

As ações e atitudes neonazistas da polícia de imigração sob o comando de Donald Trump, conhecida pela sigla ICE, lembram a repressão nazista, em especial as forças da SS, de Hitler. Um livro que teve seu relançamento recente, **OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES**, de Primo Levi, atualiza o horror da barbárie nazista, em especial o que acontecia nos campos de extermínios. Os recrutados pela SS e ICE apresentam um perfil, semelhante, violentos, com baixa formação e sem limites. Uma diferença crucial, as ações dos SS ocorriam nos campos de concentração, as atrocidades do ICE acontecem nas ruas, com direito a imagens instantâneas na mídia mundial.

No prefácio Levi observa que: “as primeiras notícias sobre campos de extermínio nazistas começaram a difundir-se no ano crucial de 1942, ainda eram notícias vagas, mas convergentes entre si: delineavam um massacre de proporções tão amplas, de uma crueldade tão extremas, de motivações tão intrincadas que o público tendia a rejeitá-las em razão de seu próprio absurdo”, um alerta para a alienação que se repete no presente.

É possível fazer um paralelo entre as ações da ICE contra os imigrantes nos Estados Unidos e o que fez a SS com os judeus e outros segmentos humanos considerados descartáveis pelo Terceiro Reich. Para Primo Levi

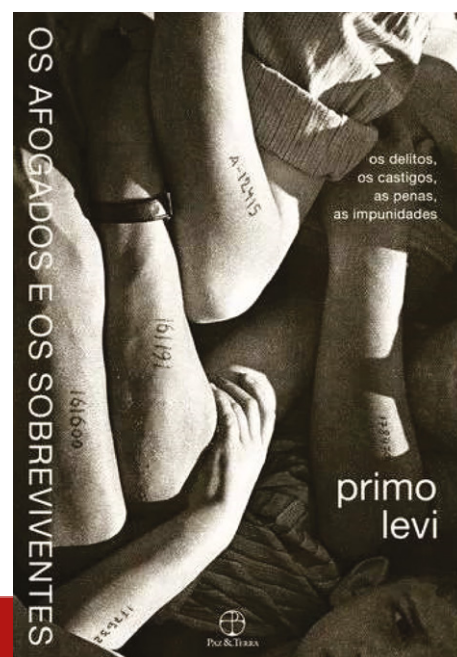
existem dois tipos de sobreviventes dos campos de concentração, aqueles que conseguem falar sobre o ocorrido e aqueles que se calam, “por que será que os judeus não fugiram? Por que não se rebelaram? Só os nazistas podem ser culpabilizados?”, indagam até os dias de hoje.

Primo Levi, cidadão italiano, nascido em Turim, em 1919, um judeu que conseguiu graduar-se em Química, antes do acesso à Universidade tivesse sido proibida para pessoas de sua origem. Primo acabou prisioneiro em Auschwitz, sobreviveu e foi libertado quando o exército soviético derrotou os nazistas. Ele escreveu e registrou suas memórias no livro *É Isto Um Homem*, que é considerado um dos primeiros relatos de um sobrevivente do Holocausto. O autor morreu em 1987.

Publicado em 1986, o livro **OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES** é um mergulho nas suas memórias, aponta os sentimentos gerados numa convivência compulsória entre carrascos e vítimas. E vai além, descreve a relação dos prisioneiros e os colaboracionistas que se sujeitavam a fazer o controle e vigilância, preparar os corpos para o crematório, esses eram

tão ou mais violentos do que os guardas da SS. Levi descreve as diversas formas de torturas a que eram submetidos ele e seus companheiros, o número tatuado no braço, o frio, a sede, os trabalhos forçados, as humilhações das condições sanitárias, as doenças decorrentes, ou morriam disso ou eram executados nas câmaras de gás.

Era de absoluto interesse do governo nazista que os crimes perpetrados nos campos de concentração permanecessem em segredo. Por isso que, mesmo os que colaboravam com a infâmia, jamais poderiam sair vivos. A desumanização não apenas para os “inimigos”, mas também para os que impunham seu poder.



OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES,
de primo Levi (Editora Paz & Terra, Rio de Janeiro 2025)

O pai de Gregor Samsa era um barato

Sempre me intrigou a surpresa geral diante da metamorfose de Gregor Samsa. O sujeito acorda transformado numa barata e todo mundo reage como se aquilo fosse uma inovação biológica, uma espécie de upgrade evolutivo. Ora, ninguém vira barata do nada. Não é como uma gripe. Há, no mínimo, um histórico familiar.

Sustento, com minha conhecida irresponsabilidade científica, que o pai de Gregor já era um barato. Talvez não no sentido entomológico (não imagino o senhor Samsa pai andando pelas paredes ou disputando migalhas com formigas), mas no sentido moral, psicológico e doméstico da coisa. Era uma cascuda humana, que é uma espécie muito comum.

Reparem: o pai de Gregor passava o dia estendido no sofá, ruminando fracassos, emitindo sons guturais e exigindo o sustento do filho. Se isso não é comportamento típico de um inseto, não sei o que é. Os ortópteros, como se sabe, são especialistas em sobreviver às custas do ambiente. Não produzem, não contribuem, mas aparecem sempre na hora de fazer uma boqui-nha.

Imagino a cena. Dona Samsa, resignada, olhando para o marido espalhado na poltrona como uma vírgula mal colocada, e pensando: “Isso não é homem, é um rastejante.” A ciência ainda não reconhece o gene do “baratismo



paterno”, mas ele deve existir, recessivo, aguardando uma oportunidade para se manifestar em forma de casco e antenas.

Gregor, coitado, foi apenas o primeiro da família a assumir em público o que os outros já eram conceitualmente. Sua metamorfose não foi uma transformação, foi uma sinceridade biológica. Enquanto o pai vestia o uniforme de autoridade e a mãe carregava o avental da abnegação, Gregor resolveu radicalizar: virou o que todos já insinuavam ser.

Aliás, suspeito da mãe também. Aquela dedicação exagera-

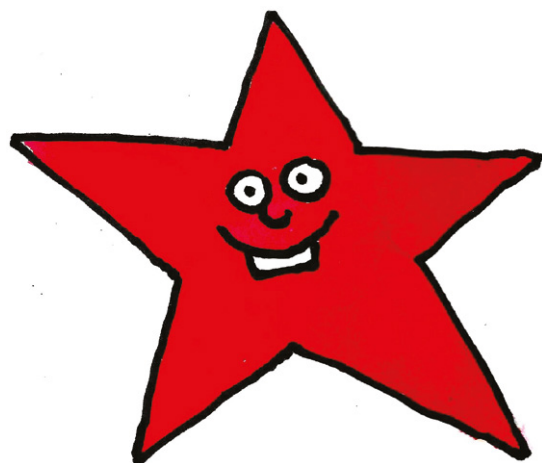
da, aquele amor aflito e ao mesmo tempo condiciona-do ao desempenho financeiro do filho. Há algo de muito barata nisso. Esses animais são conhecidos por uma maternidade intensa e até meio desesperada. Não me surpreenderia se, ao final da história, alguém levantasse o tapete da sala e encontrasse toda a linhagem Samsa acomodada ali, discutindo a prestação da casa e o preço da farinha.

O pai, quando descobre a nova forma do filho, reage com violência. Dá-lhe chutes e bengaladas. Nada mais típico de uma barata acuada do que atacar com o que estiver à pata. É o instinto de bicho que defende seu território.

Há também a questão do trabalho. Antes da metamorfose, Gregor era o único provedor. Depois que ele se torna um animal asqueroso, a família precisa trabalhar. E trabalha. Veja bem: quando o filho deixa de sustentar o lar, os pais subitamente recuperam a mobilidade. Milagre? Não. Sem o salário de Gregor, a despesa ficou vazia. E barata, quando a comida acaba, aprende até a usar gravata.

No fundo, a história não é sobre um homem que virou um ser irracional. É sobre uma família que já era um pequeno ecossistema de baratas dependentes e oportunistas. Gregor apenas teve a coragem (ou o azar) de tornar isso visível.

E talvez esteja aí a verdadeira tragédia kafkiana: não virar barata, mas descobrir que sempre se foi uma.



O imorrível, imbrochável e incomível continua insuportável. (Celso Vicenzi)

Santa Catarina, que beleza!
Mas na política, que tristeza!
(Mouzar Benedito)

Quando o cartel mexicano declara luto, quem paga o funeral é o cidadão. (Carlos Castelo)

Um ônibus do transporte público de Barcelona, na Espanha, passou a circular utilizando biometano produzido a partir de fezes humanas, substituindo o diesel por um combustível renovável gerado no tratamento de esgoto. Se não der certo, dá pra dizer que falhou porque o combustível era uma merda!
(Celso Vicenzi)

Cada vez que falam de patrimonialismo como se fosse um treco exclusivamente brasuca, tipo a jabuticaba, lembro da crise de 2008, causada pela falcatura de grandes bancos. Aí Obama deu grana pra quem perdeu sua casa? Nenhum tostão. Mas deu, segundo cálculos conservadores, 498 bilhões de dólares aos banqueiros, que os repartiram como bônus entre seus executivos. Apenas uma pessoa foi presa, um francês, assim mesmo porque deu bobeira. (Ernani Ssó)

A esperança é aquele aplicativo que você nunca usa, mas não consegue apagar.
(Carlos Castelo)

ONU: pra uns, ÔNUS, pra outros, BÔNUS. (Mouzar Benedito)

Nem tudo é o que parece. Síndrome de Pica, por exemplo, é o apetite insólito em comer objetos que não são comestíveis. (Celso Vicenzi)

O que é o uso das forças armadas como leão-de-chácara de multinacionais privadas, como ocorre nos EUA? Pelas análises econômica dos jornais, que citam Sérgio Buarque de Holanda com unção, isso seria patrimonialismo na veia, caso fosse no Brasil ou em algum outro país pé-de-chinelo. A vira-latices da elite brasileira está no topo da vira-latices. (Ernani Ssó)

Internautas, em sua quase totalidade, são sujeitos dominados por aquilo que não dominam. (Celso Vicenzi)

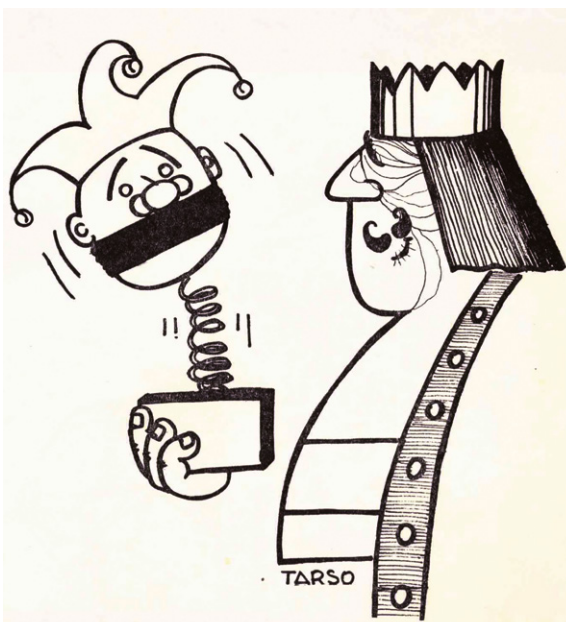
Achava uns bilionários canalhas sorumbáticos... Errei por poucas letras, são surubáticos. (Mouzar Benedito)

Filosofia. Arte de medir vento com régua. (Carlos Castelo)

Bons tempos quando, de vez em quando, se ouvia falar de um novo golpe na praça. Hoje são milhares, na internet. (Celso Vicenzi)

Os gringos torceram, por décadas, pelo fracasso de Cuba, pra poderem dizer de boca cheia: isso é o socialismo. Agora, com o capitalismo em adiantado delirium tremens, querem partir pro pau. (Ernani Ssó)

Beleza jovem é um fenômeno da natureza. Beleza madura é um fenômeno da maquiagem. (Carlos Castelo)



O século XXI está nos ensinando que uma pessoa respeitável está a três investigações de distância de ser um depravado.
(Carlos Castelo)

Para adquirir uma boa oratória é preciso gastar a palavra. (Celso Vicenzi)

Que papo é esse de que os EUA querem destruir Cuba por birra, que não têm interesse econômico? Eles querem devolver Cuba a empresários que elegeram mais de um presidente e participaram em muitas ações da CIA: os mafiosos que fizeram de Cuba um cassino e um bordel.
(Ernani Ssó)

Findo o Carnaval, vêm aí o Dia dos Namorados, o Dia das Mães, a Semana da Criança, o Natal, o Ano Novo... Comércio é pra essas coisas. (Mouzar Benedito)

O público moderno tem acesso ilimitado à informação e capacidade ilimitada de não fazer absolutamente nada com ela. (Carlos Castelo)

Nunca me senti obrigado a gostar de livro nenhum por causa de prestígio crítico, ou por causa da cor ou do sexo da/o autor/a. O que sempre norteou minhas leituras foi a lei da gravidade: o livro cai ou não das minhas mãos? Se ele não me dá prazer, não me intriga, não me desafia, a lei da gravidade entra em ação. Lutei muito contra ela, às vezes por pura birra, com pouco sucesso. (Ernani Ssó)

A imortalidade foi alcançada. Infelizmente, pelo nosso lixo.
(Carlos Castelo)

Reconheço que fiz muita merda na vida. E não estou falando daquelas que a gente dá descarga no banheiro. (Celso Vicenzi)

Larga o osso, Toffoli!
(Mouzar Benedito)

Quem controla as palavras não precisa controlar os tanques. (Carlos Castelo)

Civilizações interplanetárias não conterão o riso, no futuro, ao descobrir que a espécie "mais inteligente" de um belo planeta azul entregou à inteligência artificial a decisão de apertar o botão atômico. (Celso Vicenzi)

Tudo no Brasil começa como gambiarra e termina como tradição. (Carlos Castelo)

Privilégio de "gente fina": o que a elite faz ideológica e intelectualmente não se chama prostituição, mas pragmatismo. (Mouzar Benedito)

Nunca devemos esquecer que os EUA, autodenominado a democracia exemplar, patrocinaram 637 atentados contra Fidel Castro. Fidel, o ditador cruel, não patrocinou nenhum atentado contra nenhum presidente gringo. (Ernani Ssô)

Benevolência. Uso político da força bruta apresentada como gesto de bondade. (Carlos Castelo)

Advogados e juristas direitistas querem fazer confusão. Alegam que a homenagem a Lula na Sapucaí foi antecipação de campanha. Ora, tem a jurisprudência do Fantástico da Rede Globo: quem se elege três vezes pode pedir música – no caso, um samba-enredo! (Celso Vicenzi)

Me dei conta de por que a maior parte da ficção brasuca não me agrada: é uma literatura feita como uma caminhada na esteira, não na rua, no campo, no mato. (Ernani Ssô)

Por causa de Epstein, o príncipe Andrew foi para o brejo e virou sapo. (Carlos Castelo)

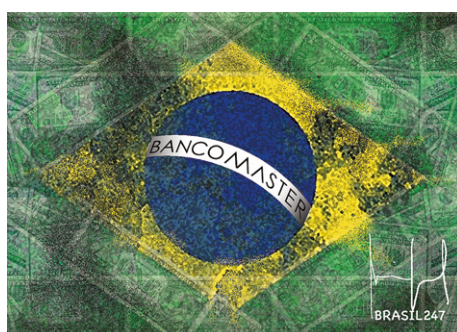
O The Washington Post, do Jeff Bezos, demitiu 300 jornalistas e vai usar inteligência artificial. Para um mercado repleto de analfabetos funcionais, tem tudo a ver – e cada vez menos a ler. (Celso Vicenzi)

Quando ouço stalinistas dizendo que trotskistas quando envelhecem viram direitistas, eu me lembro de uns tipos como Aldo Rebelo. (Mouzar Benedito)

Quando começou a onda de literatura negra no Bananão, fui conferir os dois romances mais badalados – só esses porque, no miserê em que vivo, só releio os clássicos que tenho há anos. Desisti em poucas páginas. Os autores que me desculpem – se o santo do escritor não cruza com o meu, não leio, não tenho mais paciência, não importa se o cara ganhou o Nobel ou é um clássico com a marca de gênio a ferro em brasa na picanha. Velhice é fogo, meu bem. Tenha cuidado: coma mais salada, malhe, caminhe e, por favor, deixe a moda adolescente pros adolescentes. (Ernani Ssô)

Há quem envelheça bem. E há quem envelheça fotografável, o que já é um começo. (Carlos Castelo)

Assim como Bolsonaro é responsável direto por pelo menos a metade dos 700 mil brasileiros mortos por Covid e o Leite e o Melo pelas mortes e danos nas enchentes no Rio Grande do Sul, o Zema é o culpado pela tragédia mineira. Se Bolsonaro cometeu crime ao adiar a vacina para aumentar a propina na compra e indicar remédios comprovadamente inócuos e Melo e Leite não cumpriram os protocolos e não fizeram as mínimas ações preventivas de cheias, Zema retirou 95% dos investimentos do combate às cheias. Crime de responsabilidade no Brasil ainda é um crime com punição ficcional. O caso da boate Kiss de Santa Maria, cuja apuração sequer chegou aos gestores que permitiram o funcionamento da arapuca, talvez seja o exemplo mais escandaloso no mundo todo. (Schröder)



1º de Abril

62 anos do golpe militar em charges

Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, Avenida Loureiro da Silva, 255, 19h
1 a 15 de abril de 2026

Bier, Edgar Vasques, Elias, Eugênio Neves, Fraga, Hals, Kayser, Latuff, Lu Vieira, Máucio, Miguel Paiva, Moa, Sampaio, Sampaolo, Schröder, Tarso, Uberti, Santiago

Patrocínio

Bloquinho de Carnaval. Menor unidade de desordem organizada. (Carlos Castelo)

Li "Um defeito de cor", da Ana Maria Gonçalves, depois que foi escolhido como o mais importante romance brasileiro do século 21. No começo, achei interessante, a brutalidade toda vista pelos olhos e pela linguagem de uma criança. A pesquisa que embasa a narrativa também me pareceu excepcional. Mas foi só, infelizmente. Não existe como romance – os personagens, numa maioria acachapante, se distinguem uns dos outros apenas pelo nome e profissão. No máximo temos caricaturas toscas. O enredo é interrompido por informações históricas intermináveis encaixadas a ferro e fogo, quando essas informações deviam surgir através da ação dos personagens. As cenas de violência são descritas com todos os truques dos folhetins, daí, em vez de emocionar, se tornam inverossímeis tipo aquelas velhas novelas de época das seis horas da Globo, mesmo que a gente fique se dizendo que na realidade deve ter sido assim ou pior. Pra completar, as quase mil páginas, somadas ao desleixo formal, acentuam a impressão de estarmos lendo um primeiro rascunho. Sei que não é fácil lidar com uma grande massa de informações complexas, mas isso é álibi? A gente aceita comer um bife esturricado porque o cozinheiro, coitado, não sabe usar a frigideira? (Ernani Ssô)

STF anuncia: decisões futuras de Toffoli serão monitoradas por VAR. (Carlos Castelo)

Augusto Comte dizia: “Os vivos são cada vez mais governados pelos mortos”, mas o Barão de Itararé corrigiu: “Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mais vivos”. (Mouzar Benedito)

Futriquei na internet em busca de resenhas de “Um defeito de cor”. Entre dezenas de elogios, achei uma crítica (<https://www.valinor.com.br/forum/topico/um-defeito-de-cor-de-ana-maria-goncalves.116735/>), apenas uma, em que um/a tal JML, levantava alguns problemas. Não é uma crítica exemplar – deixa algumas coisas importantes de lado e se atém a ninharias. Mas me parece que, sobre a questão de o livro preencher uma lacuna na literatura brasileira, JML acerta em cheio: a lacuna tem de ser preenchida com arte, não apenas com informação. Aí eu me faço de bobo e pergunto: a escolha do melhor romance brasileiro do século 21 diz mais sobre nossa crítica literária ou sobre nossa culpa pela escravidão? (Ernani Ssó)

Para quem não tem nada na cabeça, tudo é um bicho de sete cabeças. (Mouzar Benedito)

Se soluço matasse, quem morria em funeral era a carpideira. (Carlos Castelo)

“Um defeito de cor” pode ser o livro (livro, não romance) mais importante no Brasil, no século 21. Mas eu aposto em “A elite do atraso”, do Jessé Souza. Nossa visão da escravidão não muda depois da leitura do “Defeito”, mas nossa visão da história do país muda depois da leitura da “Elite”. (Ernani Ssó)

Banqueiros, políticos e empresários dão golpes de bilhões e, claro, a mídia cobra socorro às vítimas pelo governo. De onde tirar dinheiro pra isso? Ora! O salário mínimo está alto demais, pra esse povo que reclama da jornada 6 x 1. (Mouzar Benedito)

Porcodoxia. Doutrina segundo a qual todo grunhido em uníssono soa como verdade absoluta. (Carlos Castelo)

Pra mim, a literatura vem em primeiro lugar. A música, sei lá, em quarto ou quinto – infelizmente sou meio surdo. Mas quantos autores negros eu li, além do Machado de Assis, Lima Barreto e James Baldwin? Coisa vergonhosa: pra valer, nenhum. Porém, contudo, todavia, ouvi e ouço Thelonius Monk, Miles Davis, B. B. King, Bud Guy, Etta James, Ray Charles, Robert Johnson, Sonny Boy Williamson, Muddy Waters, John Lee Hooker, Hendrix, Salif Keita, Elza Soares, Milton Nascimento e muitos outros. Mais: apesar de rombudo, meu ouvido ouve esses caras como a irmãos na hora das confissões ou do perigo. (Ernani Ssó)

Por que nunca houve golpe nos Estados Unidos? Porque não existe Embaixada ianque nos Estados Unidos. (atribuído a Pepe Mujica) (PT Riccordi)

Deputados, que festança!
Com dinheiro público
Fazem uma lambança!

Assim pensa o fariseu:
Primeiro eu, depois eu,
E em seguida... ora, eu!

Teórico e retórico
Conta mentiras
Com tom categórico

Não sou magnânimo
Se evito encrencas
É por falta de ânimo

Ao comprar, certifique:
Não há nesta terra
Nada que não se falsifique

Queria ser vândalo
Para não ter limites
Pra fazer escândalo!

O direito de ir e vir
Existe, e você pode usar:
Depende do que possuir

Se é injusto, enfrente!
Diz o velho ditado:
Quem cala, consente!

Pra eles, penduricalho.
Pra nós, que não temos,
Uma grana do caralho!

Vivendo na pindaíba,
Tanto faz ser na Paraíba
No Guaíba ou Carapicuíba!

Meningite, sinusite,
Gastrite, bursite, colite...
Nunca me faltou it!

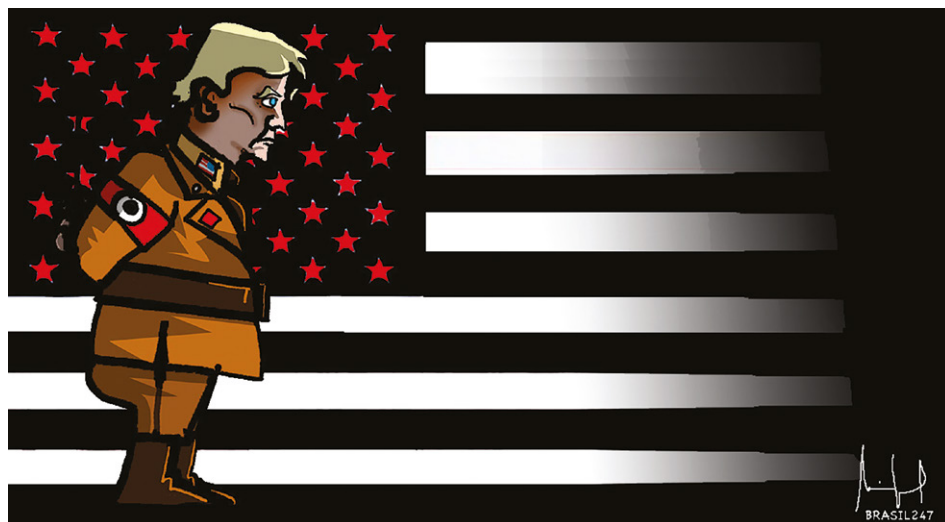


O racismo de Trump e o vale-tudo do mundo

Esta última tirada repugnante e racista do Trump nas redes sociais associando as figuras de Michelle e Barak Obama a dois macacos mostra que chegamos ao fundo do poço em termos de falta de civilidade, pudor e regras sociais. Trump é imparável. Só vai parar se o próprio povo americano o tirar e parece que é o que vai acontecer tanto nas eleições agora deste ano quanto no futuro. Mesmo tendo tido comentários a favor, a reação contrária a esta última postagem foi enorme. Aliás, Trump tem sentido as reações contrárias. Mal ou bem ele tem recuado das ações nazista em Minneapolis quando o país inteiro vai para as ruas e o americano vai, protesta e pressiona.

Muita coisa mudou desde os primeiros tempos das manifestações pelos direitos civis. Muita coisa ruim surgiu também, mas não podemos nos iludir com os Estados Unidos. Um país protestante, reacionário, conservador e branco e que tem uma constituição que protege esses mesmos brancos e ricos não poderia se comportar diferentemente. Prega ser o país da liberdade, mas é uma liberdade individualista, de vencer a qualquer custo e se necessário pisando no vizinho. É a liberdade de mercado, liberdade liberal sem nenhuma participação do Estado. As conquistas populares ficam paralisadas e o país segue cometendo esses absurdos.

Trump vai conquistando o mundo como Hitler conquistou a Europa e parte da África. Vai avançando pregando a supremacia branca e liberal e o mundo



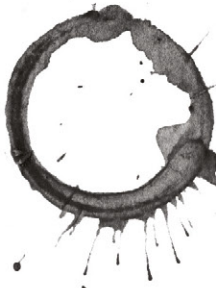
assiste assustado a este avanço. Difícil acreditar que ele seja inteligente, que seja um estadista mesmo que autoritário. Trump é rico e o poder que vem desta riqueza é que o caracteriza. Impossível pensar que seu envolvimento nessa lama toda do escândalo Epstein o poupe, que ele consiga escapar e seja eleito. A capacidade do eleitor em eleger coisas absurdas lá e cá, não me surpreende. Fico surpreso com a apatia e a impotência que vai surgindo no resto do mundo em cima dessas aberrações. O eleitor cada dia mais despreparado e sem consciência política, quando vai votar, acaba elegendo essas pessoas. É preciso sim que essa consciência política acompanhe o desenvolvimento social em cada país, sobretudo no nosso.

A filósofa política Hanna Arendt chama de atomização, a fragmentação da sociedade em indivíduos isolados, desconfiados e sem laços comuns, criando o terreno fértil para regimes totalitários. Esse isolamento gera solidão e desamparo, tornando

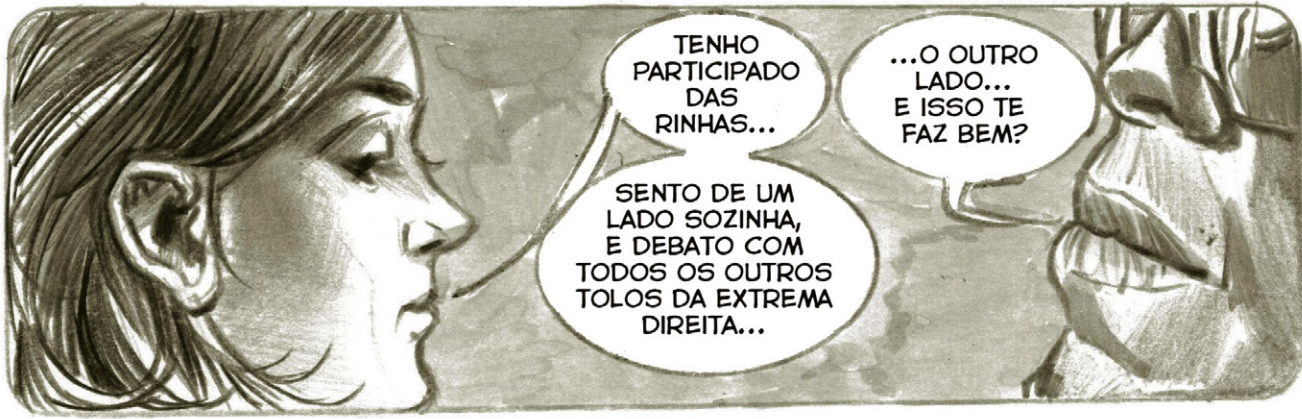
as pessoas passivas, propensas à ideologia e ao "mal banal", facilitando a dominação política ao destruir a ação conjunta.

Os feminicídios, os maus tratos a animais, a perseguição a pessoas trans, negras e outros mostram o nível de abandono que nos encontramos. O plano deles está dando certo. Destruir tudo que possa ameaçar a avanço desta economia liberal de mercado para que a riqueza emergente determine a duração deste estado de exploração e iniciativa privada que não proporciona absolutamente nada às populações.

O Brasil segue o mesmo caminho com a diferença que aqui pelo menos, temos leis que tentam nos proteger. Ao mesmo tempo que vemos um presidente cometer um crime de racismo sem ser punido vemos uma turista argentina que cometeu o mesmo crime ser processada e se dizer assustada com tudo. É uma tentativa de ensinar mesmo que através da punição. Mas se é crime tem que ser punido até que deixe de ser cometido.



Expresso para o Sol nos Dentes



TENHO PARTICIPADO DAS RINHAS...

...O OUTRO LADO... E ISSO TE FAZ BEM?

SENTO DE UM LADO SOZINHA, E DEBATO COM TODOS OS OUTROS TOLOS DA EXTREMA DIREITA...



O CONHECIMENTO É, ÀS VEZES, ESMAGADOR, DÁ UM CERTO ORGULHO VÊ-LOS TITUBEAREM TANTO...

NÃO SÓ ORGULHO, TESÃO TAMBÉM, MAS SERÁ QUE ISSO REALMENTE ESTÁ VIRANDO O JOGO?



SEI LÁ. ÀS VEZES PARECE QUE MATEI UM DRAGÃO, MAS NO FIM DO DIA, SÓ FICA UM IMENSO DESGASTE..

É PORQUE TAMBÉM MORREMOS... AOS POUCOS!

Alison